

ESCRITOS DE LIBERDADE



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS EDUARDO ORNELAS BERRIEL

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

Comissão Editorial da Coleção Várias Histórias

LUCILENE REGINALDO (COORDENADORA)

JEFFERSON CANO – MARGARIDA DE SOUZA NEVES – SUEANN CAULFIELD

IARA BELELI (REPRESENTANTE DO CONSELHO)

ANA FLÁVIA MAGALHÃES PINTO

ESCRITOS DE LIBERDADE
LITERATOS NEGROS, RACISMO E CIDADANIA
NO BRASIL OITOCENTISTA

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

P658c Pinto, Ana Flávia Magalhães
Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil
oitocentista / Ana Flávia Magalhães Pinto – Campinas, SP: Editora da
Unicamp, 2018.

(Coleção Várias Histórias)

1. Negros na literatura. 2. Imprensa. 3. Cidadania. 4. Racismo.
5. Brasil – História – Séc. XIX.

CDD – 305.8960981
– 070
– 323,6
– 320.56
– 981.04

ISBN 978-85-268-1479-0

Copyright © by Ana Flávia Magalhães Pinto
Copyright © 2018 by Editora da Unicamp

4ª reimpressão, 2021

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Capes, entidade do
Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas
neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br



COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS

A COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS divulga pesquisas recentes sobre a diversidade da formação cultural brasileira. Acoradas em sólidas pesquisas empíricas e focalizando práticas, tradições e identidades de diferentes grupos sociais, as obras publicadas exploram os temas da cultura a partir da perspectiva da história social. O elenco resulta de trabalhos individuais ou coletivos ligados aos projetos desenvolvidos no Centro de Pesquisa em História Social da Cultura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (www.unicamp.br/cecult).

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 – ELCIENE AZEVEDO. *Orfeu de carapinha. A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo.*
- 2 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Entre a mão e os anéis. A Lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil.*
- 3 – FERNANDO ANTONIO MENCARELLI. *Cena aberta. A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo.*
- 4 – WLAMYRA RIBEIRO DE ALBUQUERQUE. *Algazarra nas ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923).*
- 5 – SUEANN CAULFIELD. *Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940).*
- 6 – JAIME RODRIGUES. *O infame comércio. Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850).*
- 7 – CARLOS EUGÊNIO LÍBANO SOARES. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850).*
- 8 – EDUARDO SPILLER PENA. *Pajens da casa imperial. Jurisconsultos, escravidão e a Lei de 1871.*

- 9 – JOÃO PAULO COELHO DE SOUZA RODRIGUES. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*.
- 10 – ALEXANDRE LAZZARI. *Coisas para o povo não fazer. Carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*.
- 11 – MAGDA RICCI. *Assombrações de um padre regente. Diogo Antônio Feijó (1784-1843)*.
- 12 – GABRIELA DOS REIS SAMPAIO. *Nas trincheiras da cura. As diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*.
- 13 – MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA (org.). *Carnavais e outras(fr)estas. Ensaios de história social da cultura*.
- 14 – SILVIA CRISTINA MARTINS DE SOUZA. *As noites do Ginásio. Teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868)*.
- 15 – SIDNEY CHALHOUB, VERA REGINA BELTRÃO MARQUES, GABRIELA DOS REIS SAMPAIO e CARLOS ROBERTO GALVÃO SOBRINHO (orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de história social*.
- 16 – LIANE MARIA BERTUCCI. *Influenza, a medicina enferma. Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*.
- 17 – PAULO PINHEIRO MACHADO. *Lideranças do Contestado. A formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*.
- 18 – CLAUDIO H. M. BATALHA, FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA e ALEXANDRE FORTES (orgs.). *Culturas de classe. Identidade e diversidade na formação do operariado*.
- 19 – TIAGO DE MELO GOMES. *Um espelho no palco. Identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*.
- 20 – EDILENE TOLEDO. *Travessias revolucionárias. Ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*.
- 21 – SIDNEY CHALHOUB, MARGARIDA DE SOUZA NEVES e LEONARDO AFFONSO DE MIRANDA PEREIRA (orgs.). *História em cousas miúdas. Capítulos de história social da crônica no Brasil*.
- 22 – SILVIA HUNOLD LARA e JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA (orgs.). *Direitos e justiça no Brasil. Ensaios de história social*.
- 23 – WALTER FRAGA FILHO. *Encruzilhadas da liberdade. Histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*.
- 24 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Evaristo de Moraes, tribuno da República*.
- 25 – VALÉRIA LIMA. *J.-B. Debret, historiador e pintor. A viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)*.

- 26 – LARISSA VIANA. *O idioma da mestiçagem. As irmandades de pardos na América Portuguesa.*
- 27 – FABIANE POPINIGIS. *Proletários de casaca. Trabalhadores do comércio carioca (1850-1911).*
- 28 – ENEIDA MARIA MERCADANTE SELA. *Modos de ser, modos de ver. Viajantes europeus e escravos africanos no Rio de Janeiro (1808-1850).*
- 29 – MARCELO BALABAN. *Poeta do lápis. Sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888).*
- 30 – VITOR WAGNER NETO DE OLIVEIRA. *Nas águas do Prata. Os trabalhadores da rota fluvial entre Buenos Aires e Corumbá (1910-1930).*
- 31 – ELCIENE AZEVEDO, JEFFERSON CANO, MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA, SIDNEY CHALHOUB (orgs.). *Trabalhadores na cidade. Cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX.*
- 32 – ELCIENE AZEVEDO. *O direito dos escravos. Lutas jurídicas e abolicionismos na província de São Paulo.*
- 33 – DANIELA MAGALHÃES DA SILVEIRA. *Fábrica de contos. Ciência e literatura em Machado de Assis.*
- 34 – RICARDO FIGUEIREDO PIROLA. *Senzala insurgente. Malungos, parentes e rebeldes nas fazendas de Campinas (1832).*
- 35 – LUIGI BIONDI. *Classe e nação. Trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920.*
- 36 – MARCELO MAC CORD. *Artífices da cidadania. Mutualismo, educação e trabalho no Recife oitocentista.*
- 37 – JOANA MEDRADO. *Terra de vaqueiros. Relações de trabalho e cultura política no sertão da Bahia, 1880-1990.*
- 38 – THIAGO MORATELLI. *Operários de empreitada. Os trabalhadores da construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil (São Paulo e Mato Grosso, 1905-1914).*
- 39 – ÂNGELA DE CASTRO GOMES, FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA (orgs.). *A Justiça do Trabalho e sua história. Os direitos dos trabalhadores no Brasil.*
- 40 – MARCELO MAC CORD, CLAUDIO H. M. BATALHA (orgs.). *Organizar e proteger. Trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX).*
- 41 – IACY MAIA MATA. *Conspirações da raça de cor. Escravidão, liberdade e tensões raciais em Santiago de Cuba (1864-1881).*

- 42 – ROBÉRIO S. SOUZA. *Trabalhadores dos trilhos. Imigrantes e nacionais livres, libertos e escravos na construção da primeira ferrovia baiana (1858-1863)*.
- 43 – ANA FLÁVIA CERNIC RAMOS. *As máscaras de Lélío. Política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883-1886)*.
- 44 – LARISSA ROSA CORRÊA. *Disseram que voltei americanizado. Relações sindicais Brasil-Estados Unidos na ditadura militar*.
- 45 – JACIMARA SOUZA SANTANA. *Médicas-sacerdotisas: Religiosidades ancestrais e contestação ao sul de Moçambique (c. 1927-1988)*.
- 46 – ANA FLÁVIA MAGALHÃES PINTO. *Escritos de liberdade: Literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*.

À minha mãe, Sara Ramos Magalhães Pinto, por ser a pessoa linda tão mais linda do mundo, fonte inesgotável de fé na vida e no que virá!

Às minhas irmãs do coração Rachel Quintiliano, Angelita Garcia, Eliane Cavalleiro, Fernanda Lopes e Denise Botelho, por não me deixarem pelo caminho e serem a prova de que ainda existe amor em SP!

AGRADECIMENTOS

“Subi mais de 1.800 colinas...” A sensação é mais ou menos essa ao colocar um ponto final num trabalho que ganhou sua dedicação por um punhado de anos. Felizmente, chegou o momento de fazer um brinde ao cansaço, agradecer e abraçar com palavras as pessoas que me apoiaram nessa travessia rumo ao posto temporário de primeira doutora de uma família de trabalhadores negros, descendentes de baianos e goianos, radicados numa cidade-satélite do Planalto Central. A fim de expressar a minha gratidão e em respeito ao costume de colocar música em tudo o que faço, eu bem que poderia dedicar individualmente uma das tantas que escutei enquanto trabalhava na escrita deste livro, fruto de minha tese. Isso, porém, tomaria o dobro de páginas que ora apresento, sobretudo pelo volume do incentivo recebido. Vou, então, tentar fazer isso de um jeito o mais direto possível.

Antes de mais nada, gostaria de saudar os “bem lembrados” homens que se tornaram os principais fios condutores da pesquisa, por terem construído suas vidas com tanta intensidade, sonhos, medos e coragem. Obrigada por me darem a oportunidade de aprender com suas histórias. Os senhores me ganharam, justamente por todas as suas convicções e contradições! A propósito, aproveito para reverenciar as e os ancestrais que lutaram pela liberdade.

À minha amada mãe, Sara Ramos Magalhães Pinto, eu agradeço por ter me ensinado a sonhar e não me intimidar com as dificuldades que a vida teima em apresentar. Agradeço, sobretudo, por ter lutado tão bravamente pela vida. Meu maior sonho até hoje foi dedicar este momento a ti, como retribuição ao teu esforço por me alfabetizar e me lançar ao mundo! Graças à senhora, tomei gosto pelas letras e chegamos juntas até aqui! Não poderia deixar de reconhecer que, naqueles dois momentos tão difíceis, contamos com a ajuda decisiva dos grandes doutores Roland Montenegro Costa e Marcos Trindade, médicos que honram o ofício mesmo!

A meu pai, Luiz Pereira Pinto; minha irmã, Luana Magalhães Pinto; meu “cunhabrow” Guilherme Coelho; Tuquinha (*in memoriam*) e Belinha, as cachorrinhas; vai aí o meu pedido de desculpas por ter ocupado seus ouvidos contando as histórias que fui descobrindo ao logo da pesquisa. Sim, tanto os parentes quanto as cachorras foram obrigados a participar deste trabalho... Família, obrigada pela paciência. Agradeço também à minha tia Maria das Graças Nicolau, com todo carinho e admiração. Não poderia esquecer de homenagear Seu Leco, meu querido vizinho que virou ancestral no fim de 2010, um dos meus mais animados interlocutores, um sujeito incrível que muito me ensinou sobre o que foi viver o século XX.

Ao meu orientador, Sidney Chalhoub, muito obrigada é pouco para agradecer pelo apoio e a confiança depositados em mim. Foi e tem sido muito importante contar com sua parceria e comprometimento com a liberdade não apenas no passado, mas também no presente e no futuro. Seu exemplo me inspira tanto como pesquisadora quanto como educadora. Aproveito para agradecer pelo apoio financeiro recebido da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). No Brasil e nos Estados Unidos, as bolsas de doutorado e doutorado sanduíche foram indispensáveis ao desenvolvimento do projeto.

Sobre os momentos marcantes na Unicamp, é bom recordar episódios passados, em especial, com o professor Robert Slenes e a professora Sílvia Lara. São modos diferentes de viver a mesma paixão pela historiografia, e vê-los atuando me deu a certeza de que fiz a escolha certa ao priorizar esse ofício. Obrigada por todas as críticas aos textos e as indicações de leitura. Registro meu respeito, minha admiração e minha gratidão não apenas ao professor Bob, como às membras da banca de minha avaliação: Wlamyra Albuquerque, Hebe Mattos e Lucilene Reginaldo. Agradeço ainda pelas lições aprendidas com os professores Jefferson Cano, Fernando Teixeira e Claudio Batalha. Também guardo lindas lembranças do convívio e do apoio recebido de Flávia Peral e de Júnior (Alcebiades Rodrigues Júnior). MUITÍSSIMO obrigada por me salvarem das minhas trapalhadas burocráticas. Ainda em agradecimento aos afetos e, sobretudo, às pessoas boas que encontrei na Unicamp, gostaria de destacar alguns nomes: Cassia Silveira, Candido Domingues, Janáina Damaceno, Carlos Felipe Pinto, Robério Souza, Wagner do

Nascimento Rodrigues (*in memoriam*), Andrea Mendes, Carlos Silva Júnior, Lucimar Felisberto, Josimeire Alves, Rodrigo Camargo de Godoi, Mariana Santos de Assis, Marcelo Mac Cord, Mário Augusto Medeiros da Silva, Carolina Santos Pinho, Aldair Rodrigues, Taina Aparecida Silva e as/os alunas/os das primeiras turmas dos cursos Liberdade e Cidadania Negra na América Oitocentista e Imprensa Negra no Pós-Abolição. Tem sido uma honra compartilhar ideias e ações com vocês.

Para além das fronteiras nacionais, sou eternamente grata aos “deuses da diáspora negra” por todo o aprendizado que me foi facultado ao longo de nove meses nos Estados Unidos. Foi um tempo tão intenso que a impressão é de ter passado uns nove anos ali. Não apenas consegui superar o bloqueio de me comunicar em inglês, como também rompi com uma série de limitações que me impediam de visualizar o quanto interessante e mágica é a variedade dos grupos humanos presentes neste mundo. Meus sinceros agradecimentos aos professores da University of Texas at Austin, bem como aos pesquisadores independentes com quem pude compartilhar informações: João H. Costa Vargas, Edmund T. Gordon, Christen Smith, Frank Guridy, Jossianna Arroyo, Charles Hale, Lorraine Leu, Belinda Reyes, Maria Cetto, John Templeton, Maya Berry, Frank Wilderson III, entre outros. Tão importante foi também a família estendida que formei por lá: Olayemi Akinola Ayobade e Dotun Ayobade, Victor Duribe, Christen Smith e Clayton Rogério Sousa, Silvia Regina Lorenso Castro, Edilene Machado, Dalila Torres, Viviane Santiago e Cory LaFavers, Tony Polanco-Bethancourt, Jerry Miller, Lou Thomas, em Austin; Eliane Cavalleiro e Danny Glover, Juan Cavalleiro e Ramon Cavalleiro, em San Francisco; August Barnet, Montana Monti, Yusseff Malik e Cheryl Sterling, em Nova York. Em especial, preciso registrar a generosidade de dois amigos valiosos: Raquel Luciana de Souza, por me fazer acreditar que eu conseguiria aprender inglês desde que me permitisse errar e errar; e Ricardo Janoário, pelas idas ao mercado com direito a dança no corredor e por ter me ensinado a pronunciar corretamente as palavras *racism*, *machism* e *elite*! Eita, turma boa! *One love, one heart!*

No que diz respeito ao trabalho de pesquisa propriamente dito, fui agraciada pela ajuda de uma série de pesquisadores fanáticos e trabalhadores dos diferentes arquivos e bibliotecas por onde passei. Meu agradecimento especial a João Rachid Said, Marlene Silva Rebeccler, Maria Aparecida

Batista Gusmão, Geane Sinésio, Maria Veralucia Gomes, Philippe Arthur, do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís; Tarcio Sandro Nascimento Silva e Elisabete dos Santos Bernardo, do Arquivo Público do Estado de São Paulo, bem como a Jaelson Bitran Trindade, que generosamente me procurou para informar sobre a existência de fontes importantíssimas nesse arquivo. E também aos amigos Candido Domingues, Fernando Batista, Diogo Cerqueira e Humberto Manoel S. Júnior, que atenderam aos meus pedidos de busca de documentos e livros nas cidades de Salvador, Recife, Austin e Rio de Janeiro. Na pessoa de Maira Liriano, agradeço à turma do Schomburg Center for Research in Black Culture (a oitava maravilha do mundo), que generosamente me ensinou a entender a lógica e as potencialidades daquele arquivo. Não poderia esquecer de agradecer ao professor João José Reis pelo estímulo recebido, quando da minha passagem por Salvador, ainda em 2008; bem como às parceiras do Blog Conversa de Historiadoras: Hebe Mattos, Martha Abreu, Monica Lima, Keila Grinberg e Giovana Xavier.

E como eu só tenho amigo sabido, manifesto o quanto sou grata pelo apoio intelectual e emocional da legião que não me deixa andar só: Edson Cardoso, Rachel Quintiliano, Angelita Garcia, Fernanda Lopes, Tatiane Cosentino Rodrigues, Pai Aurélio, Ialaxé Ione e toda a família Ilê Odê Opô Ilê, Ekedí Sinha, Eliete Marin Martins, Sabrina Faria, Denise Botelho, Inaldete Pinheiro de Andrade, Luiza Bairros (*in memoriam*), Sueli Carneiro, Jurema Werneck, Oswaldo de Camargo, Celso Monteiro, Martha Rosa Queiroz, Isabel Reis, Lúcia Helena Oliveira Silva, Helenita Mattos, Juçara Santiago, Jaqueline Fernandes, Chaia Dechen, João Peçanha, Andressa Marques, Raíssa Gomes, Lélia Charliane Andrade, Alexandre Magno Brito, Lúcia Pedroza, Fernanda Oliveira, Paula Balduino de Melo e todas as pessoas que colaboraram direta ou indiretamente para a finalização do trabalho.

Por fim, cabe agradecer às poetisas e aos poetas negros contemporâneos que, com suas rimas e versos, mesmo sem saber, foram decisivos para manter acesa a chama por todo esse tempo! Valeu, Conceição Evaristo, Oliveira Silveira, Shirley Campbell Barr, Maya Angelou, Paulinho da Viola, Cristiane Sobral, GOG, Mano Brown, Elizandra Sousa, Akins Kinte, Allan da Rosa e tantas outras pessoas do nosso pessoal! #temqueacreditar #palavraquealimenta #ubuntu.

Morte, vela
Sentinela sou
Do corpo desse meu irmão que já se foi
Revejo nessa hora tudo que aprendi
Memória não morrerá
Longe, longe ouço essa voz
Que o tempo não vai levar

Sentinela (1980), na voz de Milton Nascimento.

Zumbido, com suas negrices
Vem há tempo provocando discussão
Tirou um samba e cantou
Lá na casa da Dirce outro dia
Deixando muita gente de queixo no chão
E logo correu que ele havia enlouquecido
Falando de coisas que o mundo sabia
Mas ninguém queria meter a colher
O samba falava que nego tem é que brigar
Do jeito que der pra se libertar
E ter o direito de ser o que é.

Zumbido (1979), na voz de Paulinho da Viola.

La nuestra no nos llegó en capítulos
ni de menor a mayor
como suele suceder
no nos llegó desde el principio
desde la cuna desde los primeros días de escuela
no nos apareció em los libros
o em las sorpresas de los cereales o
esas cosas
se nos portó cruel y egoísta
se nos mantuvo oculta como una ladrona
como quien se resiste a dar luz... y compartir.

Nuestra Historia (2004), Shirley Campbell Barr.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	19
INTRODUÇÃO	23
PARTE I – ENTRE NÓS E LAÇOS	29
1. AS MUITAS EVIDÊNCIAS DE JOSÉ FERREIRA DE MENEZES.....	37
2. LUIZ GAMA, UMA VIDA NA RODA-VIVA	85
3. JOSÉ DO PATROCÍNIO: EMBATES SOBRE RAÇA, ABOLIÇÃO E CIÊNCIA	115
4. O MUNDO NEGRO DE MACHADO DE ASSIS	145
PARTE II – LIVRES E PELA LIBERDADE EM TEMPOS DE INCERTEZA	181
5. SOBRE VINTÉNS, “HOMENS DE COR” E OUTROS VALORES	187
6. RAÇA, ABOLICIONISMOS E CIDADANIA NOS ANOS 1880	223
PARTE III – SONHOS DE ORDEM EM MEIO À DESORDEM	259
7. O IMPORTANTE É PARTICIPAR: PERDAS E GANHOS DA CIDADANIA NEGRA EM SÃO PAULO	269
8. ORGANIZAÇÕES NEGRAS E DISSONÂNCIAS POLÍTICAS NO PÓS-ABOLIÇÃO.....	311
FONTES	351
REFERÊNCIAS.....	359

PREFÁCIO

O ofício de historiador consiste em grande medida em levantar véus que encobrem áreas vastas da experiência social de outrora. Não é tarefa leve descobrir modos e motivos pelos quais sociedades e gerações passadas deixam à posteridade um legado de silêncios e invisibilidades – legado esse que, num futuro indeterminado, pode se tornar aparente, exigir decifração. Nas últimas décadas, a historiografia brasileira se debruçou com apuro sobre a história da escravidão no país, e o fez de maneira a realçar aquilo que as pessoas escravizadas fizeram com o que fizeram delas, os modos como construíram suas vidas e comunidades em meio à exploração e à violência. Todavia, repara a autora de *Escritos de liberdade*, ao trazer à tona as vidas de negros em cativeiro, a historiografia contribuiu involuntariamente para a produção de sombras quanto à experiência de liberdade. O esquecimento é desconcertante, já de início, em vista de informações demográficas básicas. Segundo o censo de 1872, o único de cobertura nacional realizado durante o período monárquico, havia no país quase 5,8 milhões de descendentes de africanos (cerca de 60% da população total), dos quais 1,5 milhão permaneciam na escravidão e 4,2 milhões eram negros livres ou libertos. Em outras palavras, quase duas décadas antes da abolição da escravidão, três em cada quatro negros residentes no país viviam em liberdade.

Liberdade de vária espécie, tolhida de diferentes formas, precária, espremida entre a suspeição de ser escravo, ameaça cotidiana para muitos, e a sujeição de todos à virulência racista de gente como Silvio Romero, intelectual respeitado à época, a dizer, entre outras parvoíces, que “o negro é um ponto de vista vencido na escala etnográfica”. É nessa seara, a que diz respeito ao debate de ideias e às formas como elas acontecem no chão da história, que Ana Flávia Magalhães Pinto resolve intervir. Afinal, o silêncio que desafia não é o que se revela nos números do recenseamento, mas aquele que é condição para que o próprio recenseamento seja lido de

determinada forma, parecendo dizer muito sobre escravidão e nada sobre liberdade. Por isso *Escritos de liberdade* se debruça sobre o mundo dos pensadores negros da segunda metade do Oitocentos, a interrogar como viram a passagem da escravidão ao pós-emancipação, a perguntar em que medida tiveram perspectivas semelhantes sobre tal transformação histórica, que conexões estabeleceram entre eles, como enfrentaram os momentos de maior incerteza e perigo.

O resultado do esforço é fascinante, fazendo desmoronar uma série de pressupostos sobre os pensadores negros do período e o modo como se engajaram nas questões políticas de seu tempo. A primeira visão a ruir é a de que jornalistas e literatos negros em geral atuavam isoladamente, insulares todos, tanto no que tange ao relacionamento entre eles próprios quanto no que respeita à sua atuação em prol da maioria afrodescendente pauperizada e escravizada. Sabíamos algo, às vezes até bastante, sobre personagens tais como José do Patrocínio, Ferreira de Menezes, Luiz Gama, Machado de Assis e outros tantos, mas não havia ainda quem os colocasse todos como parte de um mesmo processo histórico de enfrentamento, na condição de pensadores negros, do racismo acachapante do período e de sua influência no processo de invenção de um mundo pós-abolição.

O que emerge do esforço não é um quadro homogêneo, coeso, não se vislumbra a formação de nenhum “partido negro” ou algo que o valha, por mais que, às vezes, gente como Silvio Romero visse isso mesmo, temesse visceralmente tal possibilidade. No entanto, “encanta” (no dizer inspirado da autora), por exemplo, ver José do Patrocínio, em colaboração mais ou menos deliberada com Ferreira de Menezes e, em especial, com Luiz Gama, dar concretude ao seu lema de que “a escravidão é um roubo. Todo dono de escravo é um ladrão”. Dito provocador, ousado, tão mais constrangedor pelo fato de ser tão verdadeiro, como mostrava Luiz Gama num processo judicial atrás do outro, a argumentar que a maior parte da propriedade escrava existente no país nas décadas de 1870 e 1880 era ilegal, derivava do contrabando massivo de africanos sequestrados e trazidos ao país à revelia da lei de proibição do tráfico negreiro de 1831. Encanta ver, noutro exemplo, a maneira como a *Gazeta da Tarde*, de Ferreira de Menezes e José do Patrocínio, dava destaque, em seu noticiário, a histórias de negros livres escravizados ou reescravizados ilegalmente,